

Avaliação Institucional: análise da participação e percepção dos discentes de uma IES

- Rafael Rudolfo Kreutz *
 - Kelmara Mendes Vieira **
 - Flavio Naccheri Vilar Costa ***
-

Resumo

O artigo buscou traçar o panorama da participação dos discentes do curso de engenharia de produção (E.P.) em um processo de avaliação institucional. Este trabalho pode ser classificado como uma pesquisa descritiva, qualitativa e quantitativa. A coleta de dados foi realizada em três etapas. A primeira foi feita por meio de uma pesquisa bibliográfica. Na segunda, realizou-se a coleta dos dados secundários, usando o banco de informações disponibilizadas pelo Centro de Processamento de Dados (CPD) da Universidade. Em seguida, foram construídos gráficos comparando as participações dos discentes. Para análise dos dados utilizou-se a estatística descritiva e análise multivariada. Os resultados evidenciam que, em geral, houve uma baixa participação dos discentes na avaliação das instituições de ensino superior. A Engenharia de Produção obteve os menores índices de participação em relação às demais engenharias, além de ter apenas 12,5% de participação média. Os estudantes de EP conhecem o Projeto Pedagógico do curso, mas classificam como ruim ou regular diversos quesitos da avaliação.

Palavras-chave: Engenharia de Produção. Avaliação Institucional. Discentes. Participação.

* Mestre em Gestão de Organizações Públicas, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Analista administrador/Chefe de Gabinete, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

<http://orcid.org/0000-0001-5618-0459> E-mail: rafael.kreutz@gmail.com

** Doutora em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Professora Associada, Universidade Federal de Santa Maria. (UFSM).

<http://orcid.org/0000-0002-8847-0941> E-mail: kelmara@terra.com.br

*** Graduando de Administração, Universidade Federal de Santa Maria.

<http://orcid.org/0000-0001-6566-528X> E-mail: flavionaccheri@hotmail.com

Introdução

A avaliação institucional ou autoavaliação tem por objetivo aproximar os diversos públicos de uma instituição de ensino (OLIVEIRA; CASTRO; SENA, 2016), “quer sejam docentes, discentes, profissionais da área administrativa e de apoio, bem como a comunidade do seu entorno, ganhando assim um caráter integrador e agregador.” (PAIVA; SOUZA, 2011, p. 137).

Para Marback Neto (2007, p. 20) o processo de autoavaliação institucional deve ser considerado como um instrumento fundamental para a melhoria da capacidade competitiva das Instituições de Ensino Superior (IES) e como possibilidade para a qualidade da gestão universitária, no sentido de que “a eficiência da avaliação, bem como a disposição dos dirigentes em torná-la eficaz farão a diferença qualitativa na gestão.” (MABA; MARINHO, 2012, p. 467). O processo de autoavaliação institucional é considerado como um instrumento extremamente relevante, na medida em que tem por finalidade trazer uma contribuição para que haja um contínuo processo de aperfeiçoamento do desempenho da instituição (ROSSÉS et al., 2017).

Nesse contexto, a avaliação institucional pode ser entendida “como uma forma de diagnóstico da qualidade do ensino, para que todos saibam as reais condições das universidades, para identificar suas falhas, pontos fortes e fracos.” (LEITE et al., 2007, p. 672). Além disso, se apresenta também como instrumento para identificar as fragilidades e com isso repensar suas ações na busca de melhoria da qualidade da educação e da gestão (MARINS; FERREIRA; ORLANDO FILHO, 2016).

Para Ferreira (2014), a avaliação institucional aparece como um momento de reflexão da instituição e como uma ação estratégica de acompanhamento, controle e qualificação do trabalho realizado, à medida em que a tomada de decisão na gestão universitária deve vir acompanhada de execução e da avaliação da mesma.

O marco inicial da avaliação institucional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) deu-se em 1994, sendo desenvolvido com base no Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (PAIUB). Após 2004 a avaliação passou a ser realizada baseando-se nas dez dimensões do Sistema Nacional de Avaliação Superior (SINAES) e envolvendo docentes, discentes e técnicos administrativos, e tendo como objetivo possibilitar que a Universidade realize do seu papel social e institucional.

Neste cenário, a avaliação institucional pode ser considerada relevante uma vez que se caracteriza como um processo sistemático que auxilia na promoção do autoconhecimento e proporciona a busca de subsídios para o aperfeiçoamento da qualidade das ações institucionais. Para Lins et al. (2017), é perceptível que o instrumento de autoavaliação é uma ferramenta que auxilia na gestão e possibilita contribuir para o processo de melhoria da sua qualidade. Além disso, enfatizam a sua importância como um instrumento de melhoria contínua e diagnóstico dos pontos fracos e fortes das instituições educacionais.

Para Palitot, Santos e Brito (2015), a avaliação institucional é considerada um instrumento de elevada importância para que as Instituições de Ensino Superior (IES) consigam diagnosticar um panorama sobre o conhecimento e compreensão de suas realidades. Entretanto, apesar de sua importância um dos grandes entraves é conseguir a participação voluntária e maciça dos públicos envolvidos.

Segundo Nunes, Duarte e Pereira (2017, p. 382) “é necessário que haja um amadurecimento de uma cultura de avaliação por parte da comunidade universitária”, ou seja, a avaliação pode ser considerada como uma prática com o objetivo de somar esforços na busca de identificação dos aspectos que podem ser considerados mais vulneráveis, os quais a instituição deve se empenhar em melhorar.

Na UFSM, o processo de avaliação é realizado a cada dois anos e a coleta de dados é feita por meio da aplicação de um questionário *online* que é enviado para todos os docentes, técnicos administrativos e discentes. Além de enviar o questionário por *e-mail* a instituição também o disponibiliza no portal do aluno.

Historicamente, a UFSM tem uma baixa adesão dos acadêmicos. Por exemplo, no ano de 2016, a participação dos acadêmicos ficou abaixo de 25%. Partindo desse contexto, a presente pesquisa teve por objetivo avaliar os impactos da participação discente na avaliação institucional na UFSM no período de 2009 a 2016.

Avaliação institucional e participação

Na perspectiva de Maba e Marinho (2012), a autoavaliação tem como um de seus objetivos estabelecer um padrão de qualidade na educação superior, por consequência, os resultados desse processo poderão possibilitar uma melhoria nos níveis de qualidade, uma

vez que permitem aos gestores identificar as necessárias correções e ajustes nos processos de gestão das universidades com vistas à realização de ações de aprimoramento educativo.

Desenvolver o processo de autoavaliação de forma adequada pode ser considerado como um mecanismo importante para a gestão das IES (GALDINO, 2011; MARINS; FERREIRA; ORLANDO FILHO, 2016). A mesma pode ser compreendida como o elemento fundamental na gestão estratégica universitária e no processo de gestão institucional, pois possibilita a identificação dos aspectos imprescindíveis para o crescimento quantitativo e qualitativo do ensino superior no Brasil (BASTOS; SILVA, 2017).

Em relação aos desafios e dificuldades encontrados no caminho para que uma avaliação possa servir como instrumento de gestão estratégica, um dos entraves é a não utilização das informações no processo de tomada de decisão da IES ou a falta de divulgação dos resultados quando se atingem conceitos abaixo do satisfatório (PINTO, 2015).

Para contornar esses desafios, Ferreira (2014) cita como relevante: (a) garantir a participação representativa dos grupos de referência da instituição no momento de serem definidos os objetivos, princípios, critérios e usos da avaliação; (b) empoderar a comunidade acadêmica de forma a torná-la coparticipante e responsável pelo processo avaliativo; (c) criar uma cultura de autoavaliação que fomente o debate crítico e embasado sobre a instituição, subsidiando o processo de tomada de decisão na IES.

Nesse sentido, Oliveira, Castro e Sena (2016), destacam a importância que tem a participação de todos os atores envolvidos: docentes, discentes, coordenadores de curso, diretores de departamentos e centros de ensino, e o pessoal de apoio acadêmico e administrativo. Só assim é possível rever o planejamento da instituição de forma a gerenciar os problemas e conflitos apresentados, redefinindo estratégias, objetivos e metas a fim de superar os desafios.

No entanto, percebe-se que nem todas as IES têm dado a devida atenção e valorização para os seus processos de autoavaliação. Em pesquisa de meta-avaliação, ou seja, avaliação da avaliação, realizada por Pinto (2015), fez-se uma avaliação do processo autoavaliativo de 66 universidades do país. Destacam que, na média, as universidades públicas obtiveram avaliação insatisfatória na Dimensão 8 do SINAES (Planejamento e Avaliação) com média de 2,8. Já as IES privadas obtiveram um conceito satisfatório nesse quesito com uma média de 3,68. Logo, parece ficar evidente que ainda existe a necessidade latente de melhoria nos processos autoavaliativos das universidades públicas. Acrescentam, ainda, a necessidade

imprescindível de sensibilização e comprometimento da comunidade envolvida em todo o processo.

Evidências disso são apresentadas através da pesquisa realizada com nove gestores da Universidade Federal do Ceará, onde Andriola e Souza (2010) atentam para o fato de que 89% dos gestores acreditam que é necessário melhorar a comunicação com a comunidade acadêmica e 59% acreditam que precisa haver incentivos à participação na avaliação institucional. Concluem que no processo de autoavaliação institucional, a falta de participação é causada pela ausência de uma cultura de avaliação participativa.

Buscando caracterizar o cenário da avaliação da Educação Superior brasileira e os pressupostos que sustentam a construção do processo avaliativo, Silva (2011), através de análises bibliográficas e relatórios de IES do ABC Paulista, corrobora quando conclui que a avaliação institucional se sustenta com o envolvimento da comunidade acadêmica, sendo a conscientização antes da coleta de dados um dos aspectos fundamentais para realizar uma avaliação interna de qualidade. Além disso, o compartilhamento dos resultados apurados na avaliação institucional pode contribuir para consolidar a cultura avaliativa nas IES (SILVA, 2011).

Especificamente em relação à UFSM, se destacam duas pesquisas que, ao abordarem o tema da participação, demonstram cenários contrastantes entre si, evidenciando a importância da divulgação do processo avaliativo para alcançar maior participação da comunidade acadêmica. Os resultados de Félix e Furtado (2016), que realizaram uma análise dos relatórios da avaliação institucional do quadriênio 2008, 2009, 2010 e 2012, demonstram que os discentes de graduação e de pós-graduação foram os que, no geral, menos participaram dentre os setores da comunidade universitária, sendo que no ano de 2012 a participação desses setores foi de 17% e 13% respectivamente. Esses resultados refletem uma participação de baixa intensidade, representatividade e legitimidade, além de ter sido constatado pelo estudo que esse problema é recorrente.

Já o estudo de Fabrizio et al. (2015), que aborda uma análise sobre as autoavaliações de 2010 e 2012, contemplando apenas os *campi* Palmeira das Missões e Frederico Westphalen da Universidade Federal de Santa Maria (RS), constataram que os bons resultados da participação discente atingidos pelos *campi* (42% em 2012 e 48% em 2010) foram devidos à sensibilização da comunidade acadêmica que ocorreu por meio de reuniões, *mailing* interno e divulgação nas mídias sociais.

Outros estudos encontrados na literatura vão ao encontro dos resultados das pesquisas realizadas na UFSM. Em uma análise dos relatórios de avaliação institucional de 2006 a 2013/2014 da Universidade Federal da Paraíba, Palitot, Santos e Brito (2015), destacam que apenas no processo avaliativo do ano de 2013/2014 é que a comunidade apresentou um maior engajamento, pois anteriormente a participação era bastante baixa. Por exemplo, no ano de 2011, apenas 282 alunos afirmaram ter participado do processo autoavaliativo da instituição, enquanto que em 2013/2014 esse número chegou a 3063. No entanto, 1487 membros da comunidade universitária alegam nunca terem sido convidados a participar, o que indica pouca familiaridade com as terminologias ou com o processo avaliativo. Os autores Palitot, Santos e Brito (2015) concluem que ainda há muito a ser feito para que a cultura de avaliação institucional seja implementada.

Nas IES privadas, pode-se perceber que os resultados não são muito diferentes. Polidori, Fonseca e Larrosa (2007), verificaram um baixo nível de participação discente nos processos avaliativos de 2004, 2005/1 e 2005/2. Os resultados indicam que menos de 10% dos discentes participaram da avaliação, sendo que em 2005/2, o setor discente caiu para apenas 5,3%. Portanto, as pesquisas indicam que existe ainda uma necessidade de reforço e consolidação da cultura de avaliação interna nas IES (LINS et al., 2017).

É importante estabelecer que o conceito cultura de avaliação é a “necessidade de instaurar o costume de avaliar e de atribuir maior importância à avaliação, como processo associado à mudança e a transformação universitária em todos os momentos.” (FERREIRA, 2014, p. 58). Para Jacob (2003), a avaliação institucional não é só uma obrigação legal, mas constitui um instrumento para que a universidade atinja as condições desejáveis. Assim como no modelo de avaliação sugerido pelo SINAES, Demo (2002) coloca que a chave do sucesso está na participação da comunidade acadêmica. Por outro lado, Leite (2005), diz que a participação política não é o comportamento comum das pessoas, mas deve ser um processo em constante construção.

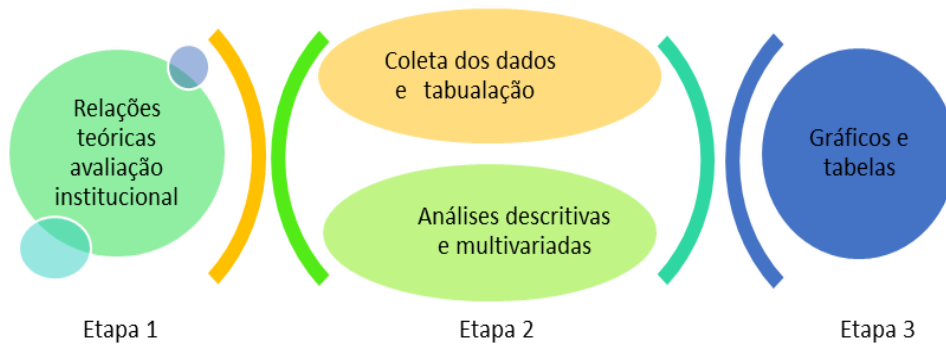
A partir dos aspectos levantados, parece evidente que, para haver uma avaliação com melhor qualidade, capaz de fazer com que a universidade atinja suas metas, é necessário incentivar a participação da comunidade acadêmica, especialmente os discentes, fomentando a construção de uma cultura avaliativa.

Método de pesquisa

Como estratégia de pesquisa escolheu-se o estudo documental com abordagem qualitativa e quantitativa. Quanto à população, definiu-se todos os discentes da instituição que participaram do processo avaliativo da UFSM no período de 2009 a 2016. A coleta de dados foi realizada em três etapas. A primeira foi feita através de uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de trazer alguns conceitos, autores e trabalhos acerca do tema estudado. Na segunda etapa realizou-se a coleta dos dados secundários através do banco informações disponibilizadas pelo Centro de Processamentos de Dados da Universidade. Em seguida, foram construídos os gráficos que permitiram a comparação entre as participações da engenharia de produção e os demais cursos. A escolha pelo curso de engenharia de produção justifica-se por: (a) apresentar um nível de participação inferior à média das demais engenharias; (b) ter participação abaixo da média da UFSM em quatro dos cinco anos pesquisados.

Para analisar a percepção dos discentes de engenharia de produção, foram utilizadas a estatística descritiva e a análise multivariada. A estatística descritiva foi utilizada com o objetivo de caracterizar o perfil e o comportamento dos respondentes.

Em seguida, no intuito de verificar a ocorrência de diferenças entre as médias das respostas, utilizou-se o Teste *t* e Análise de Variância (ANOVA). Foi adotado o nível de significância de 5%. O Teste *t* de *Student* foi aplicado para diferenças de média entre dois grupos. Para determinar se existe diferença de média entre a engenharia de produção, demais engenharias e demais cursos das UFSM aplicou-se a Análise de Variância (ANOVA). Esse processo foi realizado por meio da *One Way* ANOVA realizada em três testes: homogeneidade da variância, F ANOVA ou F de Welch e *Post Hoc* HDS de Tukey ou *Post Hoc* de Games-Howell. Primeiramente, realizou-se a observação da homogeneidade da variância, ou seja, avaliar a igualdade de variâncias entre os grupos que serão investigados será utilizado o teste de Levene. Assim, para o teste foi feita a verificação da hipótese nula de que as diferenças entre as variâncias é zero (sig. >0,5) e a hipótese alternativa de que as variâncias são diferentes (sig. <0,5), descumprindo assim a suposição de homocedasticidade (FIELD, 2009). As técnicas foram aplicadas utilizando o *software* SPSS. Na Figura 1 apresenta-se um resumo sobre as etapas de construção da pesquisa que foram utilizadas, a fim de possibilitar o alcance dos objetivos propostos.

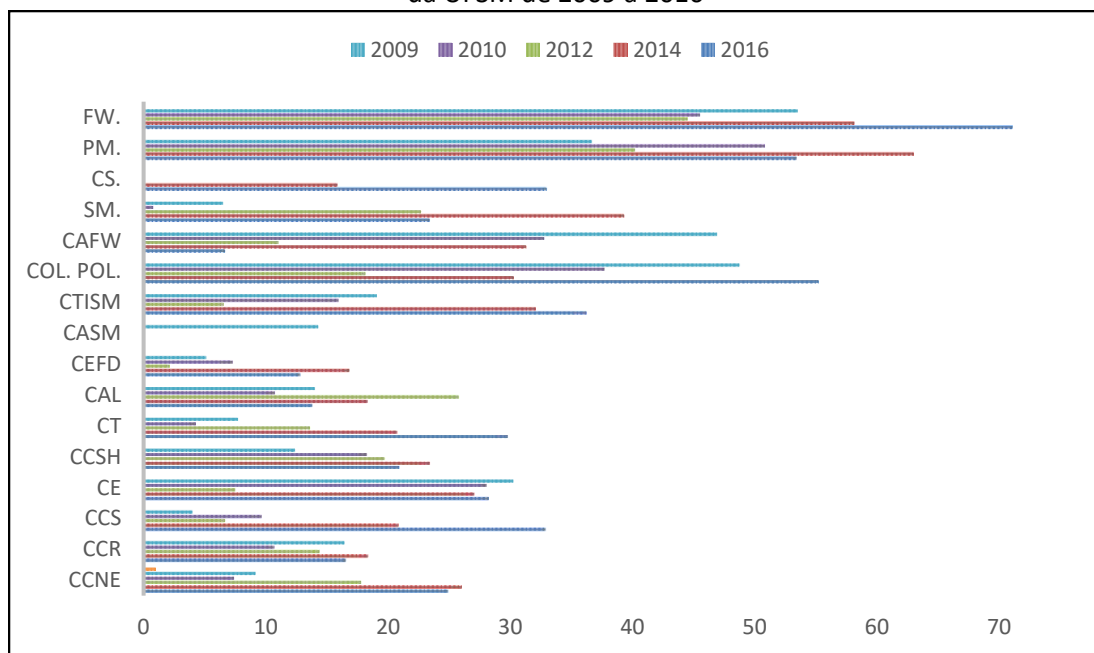
Figura 1 - Resumo das etapas de construção da pesquisa

Fonte: Os autores (2018).

Análise e discussão dos dados

A fim de verificar qual o panorama de participação dos discentes na avaliação institucional da UFSM desenvolveu-se o agrupamento dos dados da participação na autoavaliação por centro de ensino (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Média da Participação Discente na Avaliação Institucional por Centro de Ensino da UFSM de 2009 a 2016



Nota: FW – Campus Frederico Westphalen, PM – Campus Palmeira das Missões, CS – Campus Cachoeira do Sul, SM Campus Silveira Martins, CAFW – Colégio Agrícola Frederico Westphalen, COL POL – Colégio Politécnico, CTISM - Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, CASM - Colégio Agrícola de Santa Maria, CEFD – Centro de Educação Física e Desporto, CAL – Centro de Artes e Letras, CT – Centro de Tecnologia, CCSH – Centro de Ciências Sociais e Humanas, CE – Centro de Educação, CCS – Centro de Ciências Sociais, CCR – Centro de Ciências Rurais, CCNE – Centro de Ciências Naturais e Exatas.

Fonte: Os autores (2018).

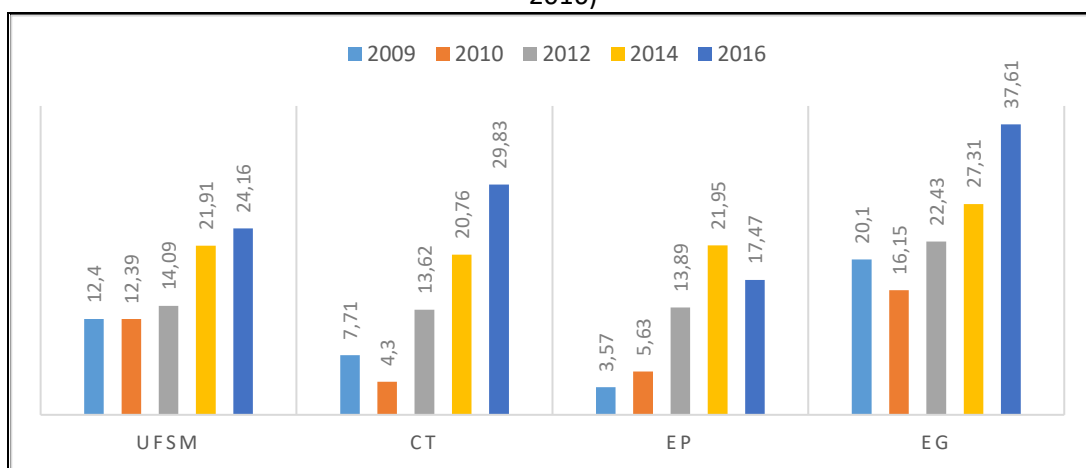
No Gráfico 1 pode-se perceber a existência de uma elevada variação no índice de participação discente nos diferentes centros de ensino da Universidade. Além disso, fica evidente que a participação em diferentes anos também tem apresentado consideráveis oscilações.

O maior índice de desempenho médio de participação discente, dentre os centros de ensino, foi da unidade de Frederico Whesphalen (52,09%). Já como pior índice de participação ficou o Centro de Educação Física e Desporto (CEFD), que apresentou uma média de 8,51%. Cabe destacar ainda que somente Frederico Whesphalen, apresentou um índice maior de 70% de participação no período analisado, fato esse que ocorreu na avaliação de 2016.

Quanto ao Centro de Tecnologia (CT), que contempla a maioria das engenharias, pode-se destacar que apresentou uma média, no período analisado, de apenas 15,31%, sendo que em 2009 e 2010 foram os anos que apresentou as menores médias de participação ficando em 5,19% e 7,30% respectivamente. Já no ano de 2016 apresentou um resultado acima da média geral de participação dos centros ficando em 29,83%. Como resultado médio geral dos centros, a participação discente ficou em 24,33%. Isso evidencia que a participação média da avaliação institucional por centro de ensino é baixa, pois representa a percepção de menos de 25% dos alunos.

Em seguida, com o objetivo de verificar a existência de diferenças na participação, fez-se um comparativo da média do índice de participação da UFSM, do Centro de Tecnologia (CT), da Engenharia de Produção (EP) e da Média Geral das Engenharias (EG) (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Média Participação Discente UFSM, CT, Engenharia de Produção e EG (2009 a 2016)



Fonte: Os autores (2018).

Em 2009 a média de participação dos discentes a engenharia de produção, na avaliação institucional, foi abaixo da média do CT e da UFSM. A média ficou em apenas 3,57%, enquanto que o CT e da UFSM ficaram em 7,71%, e 12,4% respectivamente. Já em 2010 percebe-se uma pequena elevação da média de participação do curso de engenharia de produção, ficando levemente acima da média do CT, mas novamente abaixo da média da UFSM. Em 2012 a engenharia de produção apresenta mais uma elevação no índice de participação ficando com 13,89%. Nesse ano o curso ficou com um desempenho similar ao CT e a UFSM.

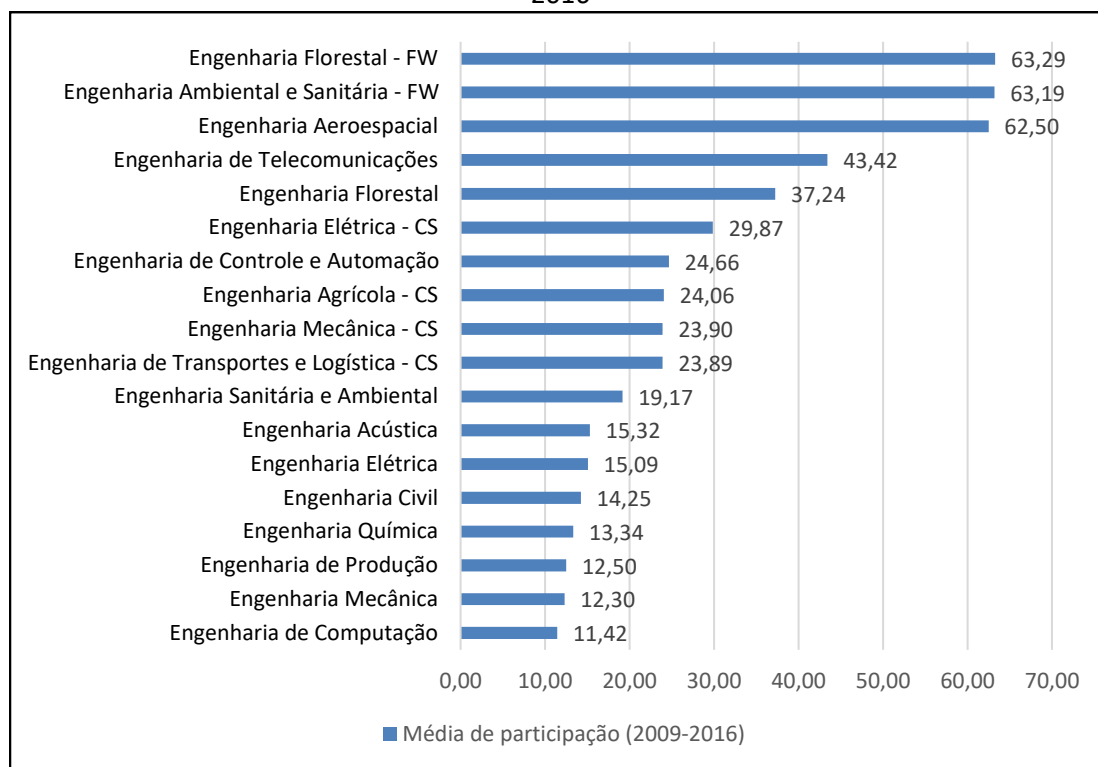
No ano de 2014 o curso continuou a manter a sua tendência de elevação na participação e atinge seu maior resultado no período analisado ficando em 21,95%. Nesse ano fica como destaque por conseguir uma média levemente acima do CT e UFSM. Já em 2016 o curso apresenta uma queda acentuada no seu índice de participação passando de 21,95% em 2014 para 17,47% em 2016, rompendo a tendência de alta registrada nos anos anteriores. Neste ano repete novamente o mau desempenho de 2009 ficando em último lugar na média de participação.

Pode-se perceber que o índice de participação dos discentes da engenharia de produção apresentou uma tendência positiva de 2009 até 2014. Já em 2016 essa tendência foi rompida com uma queda de 4,48% no nível de participação.

Destaca-se ainda que o índice de participação da UFSM e do CT tem apresentado uma tendência positiva no período em análise. Isso pode ser consequência de uma preocupação da instituição em realizar maiores esforços no intuito de conseguir uma maior abrangência em nível de divulgação processo de avaliação. No entanto, percebe-se que assim como a Engenharia de Produção, outros cursos apresentam uma baixa participação, logo parece não haver um processo homogêneo de divulgação e sensibilização da Universidade. Mesmo havendo uma tendência de elevação no número de participantes da avaliação institucional nos últimos anos, pode-se considerar que a participação ainda é extremamente baixa, visto que, representa a percepção de menos de 30% do total de discentes da UFSM.

Na sequência, com o objetivo de verificar a existência de diferenças na participação das engenharias da UFSM, fez-se um comparativo da média geral de participação dos cinco anos de avaliação (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Média da participação discente das engenharias na avaliação institucional de 2009 a 2016



Fonte: Os autores (2018).

Os cursos de engenharia aeroespacial e engenharia de telecomunicações participaram da pesquisa apenas em 2016, e os cursos de engenharia elétrica, agrícola, mecânica e transportes e logística, todos pertencentes ao *campus* Cachoeira do Sul (CS), participaram nos anos de 2014 e 2016. As demais engenharias em todos os cinco períodos.

Os cursos de engenharia florestal e engenharia ambiental e sanitária ocupam, respectivamente, o primeiro e o segundo lugar em maior participação discente nas pesquisas, ambas com mais de 63% de participação média nos cinco períodos. Vale destacar que os *campi* de Frederico Westphalen (FW) e Palmeira das Missões (PM) apresentaram os melhores resultados referentes à participação discente na avaliação institucional, indicando que, nesses *campi*, a cultura avaliativa conseguiu ser implementada com maior sucesso na comunidade acadêmica. Em seguida, vem engenharia aeroespacial (62,5%) e de telecomunicações (43,42%), mas atenta-se para o fato de que ambas participaram apenas na consulta de 2016, ano em que a prática da autoavaliação já estava mais bem estabelecida na universidade e seguindo uma tendência de crescimento em relação aos anos anteriores.

Nas últimas colocações se encontram, em ordem decrescente de participação, a engenharia civil (14,25%), química (13,34%), de produção (12,5%), mecânica (12,3%) e, em último, engenharia da computação (11,42%). No entanto, dentre essas cinco engenharias, a engenharia de produção, além de apresentar a já referida baixa participação nos primeiros anos da amostra, foi o único a apresentar queda de participação de 2014 para 2016.

Por fim, para verificar a robustez dos resultados ou eventuais diferenças entre as médias de participação utilizou-se o teste não paramétrico de diferença de médias Mann-Whitney para amostras independentes. Comparou-se os índices de participação da engenharia de produção com as demais engenharias da universidade (Tabela 1).

Tabela 1 – Comparação das médias gerais de participação, na avaliação institucional, da engenharia de produção com as demais engenharias da UFSM

Engenharias UFSM	Media	Médias EP x Engenharias	Z	Sig
EC	14.25	EP x EC	-0.104	0.917
EE	15.09	EP x EE	-0.522	0.602
EM	12.30	EP x EM	-0.104	0.917
EQ	13.34	EP x EQ	-0.104	0.917
ESA	19.17	EP x ESA	-1.149	0.251
ECA	24.66	EP x ECA	-0.731	0.465
EA	15.31	EP x EA	-0.313	0.754
EC	11.42	EP x EC	-0.313	0.754
EA2	62.50	EP x EA2	-1.464	0.143
ET	43.42	EP x ET	-1.462	0.143
EFCCR	37.24	EP x EFCCR	-2.402	0.016
EECS	29.88	EP x EECS	-1.936	0.053
EMCS	23.90	EP x EMCS	-0.775	0.439
ETLCS	23.89	EP x ETLCS	-1.549	0.121
EAFCS	24.07	EP x EAFCS	-1.162	0.245
EFFW	63.29	EP x EFFW	-2.611	0.009
EASFW	63.19	EP x EASFW	-2.611	0.009

Fonte: Os autores (2018).

Pode-se constatar que a participação dos discentes da engenharia de produção é estatisticamente menor na comparação com a engenharia Engenharia Florestal, CCR, Engenharia Florestal, Frederico Whestphalen e Engenharia Ambiental e Sanitária, Frederico Whestphalen.

Dada a existência de diferença de médias no nível e participação dos discentes de engenharia de produção em relação as demais engenharias percebeu-se a necessidade de ampliação das análises. Para tanto, na Tabela 2 são apresentadas as variáveis relacionadas à percepção dos participantes da engenharia de produção (EP), outras engenharias (OE) e demais cursos da universidade (DC) em relação à autoavaliação da UFSM de 2016.

Na primeira dimensão de análise da autoavaliação da universidade abordou-se, junto aos discentes, questões sobre o desenvolvimento institucional da universidade. Os resultados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Estatística descritiva da percepção dos discentes na dimensão desenvolvimento institucional

Questões dimensão desenvolvimento institucional	Escalas	Percentuais		
		EP	OE	DC
Você conhece o projeto pedagógico do seu curso?	Conheço	47.5	29.7	27.6
	Conheço em Parte	40.0	52.1	53.2
	Desconheço	12.5	18.2	19.2
Como você avalia a contribuição dos planos de ensino para a sua formação acadêmica no que diz respeito à atualização, conteúdos e bibliografias das disciplinas?	Excelente	2.5	8.9	12.4
	Boa	45.0	46.2	51.5
	Regular	37.5	33.1	26.7
	Ruim	7.5	6.6	4.6
	Péssima	5.0	2.0	1.9
	Não sei responder/Não se aplica	2.5	3.3	3.0

Fonte: Os autores (2018).

Acerca desse eixo, verifica-se que os discentes da engenharia de produção têm um maior conhecimento sobre o projeto pedagógico do curso, onde 47,5% destacam como sendo conhecedores do mesmo. Já no que tange a atualização dos conteúdos e bibliografias, o curso ficou com a menor média de satisfação entre os grupos. Entretanto, cabe destacar que apesar de ficar com a menor média nesse fator, 47,5% dos discentes classificaram o mesmo entre bom e excelente.

O segundo tema abordado na autoavaliação apresenta um enfoque em questões sobre políticas acadêmicas da instituição. A Tabela 3 expressa as respostas dos discentes nesse eixo.

Tabela 3 – Estatística descritiva da percepção dos discentes na dimensão políticas acadêmicas

Questões	Escalas	EP	OE	DC
Como você avalia o acompanhamento, cumprimento e divulgação dos trabalhos de conclusão de curso?	Excelentes	12.5	6.6	7.2
	Bons	15.0	32.3	35.5
	Regulares	30.0	23.1	24.1
	Ruins	22.5	9.4	8.8
	Péssimos	2.5	2.4	2.8
	Não sei responder/Não se aplica	17.5	26.2	21.5
Como você avalia a divulgação e o acesso aos programas voltados para a assistência estudantil?	Excelentes	2.5	8.6	8.1
	Bons	22.5	33.9	35.8
	Regulares	30.0	33.2	34.0
	Ruins	20.0	11.8	11.1
	Péssimos	7.5	4.4	3.6
	Não sei responder/Não se aplica	17.5	8.2	7.4
Como você avalia a divulgação e o apoio da coordenação do curso para a sua participação em eventos científicos, técnicos ou culturais?	Excelentes	12.5	14.9	17.3
	Bons	12.5	38.2	36.7
	Regulares	40.0	27.2	26.3
	Ruins	15.0	12.4	11.0
	Péssimos	12.5	5.0	6.0
	Não sei responder/Não se aplica	7.5	2.3	2.7
Como você avalia a orientação e o acompanhamento das atividades práticas desenvolvidas nos laboratórios?	Excelentes	2.5	11.2	12.6
	Bons	32.5	37.5	39.1
	Regulares	32.5	30.0	24.4
	Ruins	10.0	9.4	6.2
	Péssimos	7.5	4.6	3.6
	Não sei responder/Não se aplica	15.0	7.4	14.1
Como você avalia o apoio e o incentivo da sua unidade de ensino à organização dos estudantes?	Excelentes	2.5	6.9	8.0
	Bons	27.5	37.0	38.6
	Regulares	42.5	31.3	31.0
	Ruins	15.0	11.4	10.2
	Péssimos	10.0	4.9	4.5
	Não sei responder/Não se aplica	2.5	8.5	7.7
Como você avalia o corpo docente, quanto à sua experiência, conhecimento, dedicação e comprometimento, em relação à proposta do curso?	Excelentes	5.0	18.9	23.3
	Bons	40.0	44.4	47.3
	Regulares	0.0	26.8	22.3
	Ruins	40.0	6.5	4.5
	Péssimos	15.0	2.2	1.7
	Não sei responder/Não se aplica	0.0	1.1	1.0

Fonte: Os autores (2018).

Os discentes da engenharia da produção apresentaram uma percepção positiva superior aos demais grupos em apenas dois quesitos, a saber: os referentes à divulgação e

ao apoio da coordenação do curso para a sua participação em eventos científicos, técnicos ou culturais, onde 40% destacaram como regular. Já o apoio e incentivo da sua unidade de ensino à organização dos estudantes ficou classificada como regular para 42,5%.

Já quanto às piores médias de satisfação dos discentes da EP tem-se o acompanhamento, cumprimento e divulgação dos trabalhos de conclusão de curso e a divulgação e o acesso aos programas voltados para a assistência estudantil, ambos com 30% e classificados como regular.

Cabe destacar ainda que os resultados demonstram uma divergência na percepção dos discentes referente à experiência, conhecimento, dedicação e comprometimento dos docentes do curso, pois 40% destacaram como ruim e 40% como bom. Entretanto, a maioria dos acadêmicos de EP (65%) destacaram este quesito como ruim ou péssimo, o que demonstra uma insatisfação quanto ao quadro de docentes do curso. Logo, fica evidente a existência de uma elevada diferença entre a percepção dos discentes da EP em relação aos demais alunos da UFSM nesse quesito.

Por fim, tem-se o terceiro eixo da autoavaliação onde são abordadas questões sobre a percepção dos discentes quanto à política de gestão da universidade (Tabela 4).

Tabela 4 - Estatística descritiva da percepção dos discentes na dimensão políticas de gestão

Questões dimensão políticas de gestão	Escalas	Percentuais		
		EP	OE	DC
Como você avalia a atuação do diretor do seu centro de ensino/campus, considerando a melhoria contínua e o atendimento às necessidades dos estudantes?	Excelente	7.5	13.3	13.3
	Boa	47.5	46.4	39.9
	Regular	20.0	25.3	25.1
	Ruim	7.5	4.0	6.8
	Péssima	0.0	1.5	3.8
	Não sei responder/Não se aplica	17.5	9.4	11.0
Como você avalia a atuação do coordenador do seu curso, considerando a melhoria contínua e o atendimento às necessidades dos estudantes?	Excelente	7.5	32.0	29.2
	Boa	15.0	41.2	40.6
	Regular	27.5	15.5	17.0
	Ruim	27.5	5.3	5.8
	Péssima	12.5	3.8	4.7
	Não sei responder/Não se aplica	10.0	2.2	2.7

Continua

Questões dimensão políticas de gestão	Escalas	Conclusão		
		Percentuais		
		EP	OE	DC
Como você avalia o funcionamento e o acompanhamento das atividades de prática profissional e/ou estágio pela coordenação do curso?	Excelentes	2.5	9.1	11.1
	Bons	10.0	30.5	35.6
	Regulares	20.0	19.1	21.9
	Ruins	22.5	4.3	6.5
	Péssimos	5.0	3.8	3.7
	Não sei responder/Não se aplica	40.0	33.3	21.2
Como você avalia o funcionamento e o atendimento da secretaria do seu curso, considerando a melhoria contínua e o atendimento às necessidades dos estudantes?	Excelentes	17.5	22.5	24.6
	Bons	52.5	44.6	48.2
	Regulares	20.0	20.9	18.5
	Ruins	5.0	4.6	3.8
	Péssimos	5.0	2.7	1.9
	Não sei responder/Não se aplica	5.0	4.8	2.9

Fonte: Os autores (2018).

A EP apresentou maior percepção positiva em dois quesitos, sendo eles a atuação do diretor do seu centro de ensino/campus e o funcionamento e atendimento da secretaria do curso. Em ambos os itens se percebe uma satisfação dos alunos, visto que, a maioria classificou-os como bom e excelente. Já quanto à atuação do coordenador do curso e o acompanhamento das atividades de prática profissional e/ou estágio, identificou-se um elevado índice de insatisfação. Cabe destacar ainda que a EP é o curso com maior índice de desconhecimento (40%) quanto ao quesito.

Já, no intuito de verificar a existência de diferença de médias significativas entre grupos, nos quesitos da avaliação institucional, realizou-se a ANOVA através de três testes: homogeneidade da variância, F ANOVA ou F de Welch e *Post-Hoc* HDS de Tukey ou *Post-Hoc* de Games-Howell. Os dados utilizados foram da avaliação institucional de 2014 e 2016, onde EP compreende os discentes de engenharia de produção, OE outras engenharias e DC demais discentes da UFSM (Tabela 5 e Tabela 6).

Tabela 5 - Comparação das médias de participação da engenharia de produção com as outras engenharias e os demais cursos da UFSM no ano de 2014

Questões avaliação institucional UFSM	Médias			Teste F Sig	
	EP	OE	DC		
Você conhece o Projeto Pedagógico de seu curso?	1.64	1.78	1.74	.176	a
Você entende que os planos de ensino, no que diz respeito à atualização, conteúdos e bibliografias das disciplinas, contribuem para a sua formação acadêmica, de forma:	2.70	2.63*	2.47*	.000	a
Quanto aos mecanismos de acompanhamento, cumprimento e divulgação dos trabalhos de conclusão de curso, você os considera:	3.97	3.65*	3.41*	.000	a
Como você avalia a divulgação e o acesso aos programas voltados para a assistência estudantil?	3.64	3.38	3.34	.235	a
Como você avalia a divulgação e o apoio da coordenação do curso para a sua participação em eventos científicos, técnicos ou culturais?	3.70	3.29	3.19	.013	a
Como você considera a orientação e o acompanhamento das atividades práticas desenvolvidas nos laboratórios?	3.30	3.22	3.31	.189	b
Como você avalia o apoio e o incentivo da sua unidade de ensino à organização dos estudantes e à participação dos Diretórios Acadêmicos (DA's) nas discussões e atividades do seu curso?	4.21*	3.63*	3.38*	.000	a
Como você avalia a atuação do coordenador do seu curso, considerando a melhoria contínua e o atendimento as necessidades dos estudantes?	3.21	2.88*	2.75*	.004	a
Como você avalia o funcionamento e o acompanhamento das atividades de prática profissional e/ou estágio pela coordenação do curso?	4.18*	3.77*	3.46*	.000	a
Como você avalia o corpo docente, quanto a sua experiência, conhecimento, dedicação e comprometimento, em relação à proposta do curso:	2.91	2.94*	2.71*	.000	b

Nota: *os asteriscos representam os grupos com diferenças significativas de médias, segundo o teste; a) variâncias homogêneas, ANOVA com teste F; b) variâncias heterogêneas, ANOVA com teste F de Welsch; Questões em escala likert sendo 1 excelente, 2 muito boa, 3 boa, 4 regular, 5 insatisfatória.

Fonte: Os autores (2018).

Em 2014 a percepção dos discentes do curso de EP foi, em média, significativamente diferente em relação a OE e DC em apenas 2 quesitos, que são referentes ao apoio e incentivo da unidade de ensino a participação e discussões das atividades do curso e o funcionamento/acompanhamento das atividades de prática profissional e ou de estágio pela coordenação. Em ambos os quesitos a engenharia de produção apresentou um maior nível de insatisfação.

Quanto ao conhecimento do projeto pedagógico, os discentes da EP, se destacaram por apresentarem a maior média, ou seja, apresentam maior nível de conhecimento sobre o projeto pedagógico do curso em relação aos demais acadêmicos da universidade.

Já no quesito apoio e incentivo da unidade de ensino a participação de discussões e atividades do curso da EP ficou com o maior nível de insatisfação. O segundo pior resultado foi referente ao acompanhamento das atividades de prática profissional e ou estágio pela coordenação do curso.

Quatro quesitos não apresentaram diferença de média estatisticamente significativas, todos os demais apresentaram em pelo menos um.

Tabela 6 - Comparação das médias de participação da engenharia de produção com as outras engenharias e os demais cursos da UFSM no ano de 2016

Questões Avaliação Intitucional UFSM	Média			Teste F Sig	
	EP	OE	DC		
Você conhece o projeto pedagógico do seu curso?	1.65*	1.89	1.91*	.021	a
Como você avalia a contribuição dos planos de ensino para a sua formação acadêmica no que diz respeito à atualização, conteúdos e bibliografias das disciplinas?	2.75	2.56*	2.40*	.000	a
Como você avalia o acompanhamento, cumprimento e divulgação dos trabalhos de conclusão de curso?	3.40	3.47*	3.28*	.002	b
Como você avalia a divulgação e o acesso aos programas voltados para a assistência estudantil?	3.60*	2.94*	2.88*	.001	a
Como você avalia a divulgação e o apoio da coordenação do curso para a sua participação em eventos científicos, técnicos ou culturais?	3.25*	2.61*	2.59*	.003	a
Como você avalia a orientação e o acompanhamento das atividades práticas desenvolvidas nos laboratórios?	3.33	2.80*	2.91*	.011	b
Como você avalia o apoio e o incentivo da sua unidade de ensino à organização dos estudantes?	3.10	2.96	2.88	.091	a
Como você avalia o corpo docente, quanto à sua experiência, conhecimento, dedicação e comprometimento, em relação à proposta do curso?	2.65*	2.31*	2.16*	.000	b
Como você avalia a atuação do diretor do seu centro de ensino/campus, considerando a melhoria contínua e o atendimento às necessidades dos estudantes?	2.98	2.62*	2.81*	.000	b
Como você avalia a atuação do coordenador do seu curso, considerando a melhoria contínua e o atendimento às necessidades dos estudantes?	3.52*	2.14*	2.24*	.000	b
Como você avalia o funcionamento e o acompanhamento das atividades de prática profissional e/ou estágio pela coordenação do curso?	4.37*	3.62*	3.19*	.000	b
Como você avalia o funcionamento e o atendimento da secretaria do seu curso, considerando a melhoria contínua e o atendimento às necessidades dos estudantes?	2.28	2.34*	2.19*	.000	b

Nota: *os asteriscos representam os grupos com diferenças significativas de médias, segundo o teste; a) variâncias homogêneas, ANOVA com teste F; b) variâncias heterogêneas, ANOVA com teste F de Welsch; Questões em escala likert sendo 1 excelente, 2 bom, 3 regular, 4 ruim e 5 péssimos.

Fonte: Os autores (2018).

Em 2016 a percepção dos discentes do curso de EP é, em média, significativamente diferente em relação a OE e DC em 6 quesitos, logo, percebe-se uma elevação na diferença de percepção média dos discentes de 2014 para 2016. Quanto ao conhecimento do projeto pedagógico os discentes da EP, novamente foram os que apresentaram a maior média em nível de conhecimento, mas avaliaram como ruim a divulgação e programas voltados para o acesso estudantil. Quanto à divulgação e o apoio da coordenação do curso para a participação discente em eventos científicos, técnicos ou culturais, a EP apresentou o maior nível de insatisfação entre os três grupos.

Na avaliação do corpo docente da instituição quanto a sua dedicação, comprometimento, experiência e conhecimento novamente a maior média de insatisfação foi da EP, no entanto, percebe-se uma elevação do nível de satisfação de 2014 para 2016 passando de 2,91 para 2,65 respectivamente. Já referente a atuação do coordenador do curso em relação a atendimento das necessidades dos estudantes, a avaliação da EP ficou com a maior média de insatisfação. O quesito com maior nível de rejeição foi a falta de acompanhamento da coordenação do curso nas atividades de práticas profissionais ou estágios. Somente um quesito, que se referia ao apoio e o incentivo das unidades de ensino à organização dos estudantes, não apresentou diferença de médias estatisticamente significativas em nenhum dos grupos, todos os demais apresentaram em pelo menos um, demonstrando uma elevação das diferenças de percepção média dos discentes da universidade de 2014 para 2016.

Considerações finais

Este estudo teve por objetivo avaliar os impactos da participação discente na avaliação institucional na UFSM no período de 2009 a 2016. Em geral, a universidade tem uma baixa adesão dos acadêmicos no processo de avaliação institucional. Isso é evidenciado pelos resultados da pesquisa onde a média de participação por centro de ensino ficou em 24,33%, ou seja, menos de um quarto dos alunos participaram do processo de avaliação institucional.

Quanto aos discentes do curso de engenharia de produção os resultados não são diferentes, pois a participação do curso é extremamente baixa, inclusive apresentando média menor do que a média geral da UFSM, do CT e dos cursos de engenharia. Isso

parece indicar que a baixa participação dos acadêmicos do curso pode estar ocorrendo por falta de conhecimento sobre o processo de avaliação institucional ou por não acreditarem que a sua participação realmente fará alguma diferença para a universidade.

Dentre os alunos que participaram da avaliação institucional nos anos de 2014 e 2016 observa-se que há uma certa insatisfação com diversos quesitos. Especialmente, os estudantes de engenharia de produção, que conhecem o Projeto Pedagógico do curso, mas classificam como ruim ou regular o acompanhamento da coordenação do curso nas atividades de práticas profissionais ou estágios, a divulgação e o apoio da coordenação para a participação discente em eventos científicos e a dedicação, comprometimento, experiência e conhecimento dos docentes.

Tais resultados indicam que a UFSM, precisa, além de despender mais esforços para a ampliação da participação discente, promover um amplo debate em seus cursos quanto aos resultados da pesquisa. Afinal, é necessário que os discentes percebam que a pesquisa realmente traz resultados para a melhoria da qualidade do curso, ou será difícil ampliar a participação discente.

Portanto, há ainda muito a ser feito no que diz respeito a implantação permanente de uma cultura de avaliação institucional na Universidade (PALITOT; SANTOS; BRITO, 2015). Mas o cenário da UFSM não parece ser muito diferente de outras instituições, pois os resultados vão ao encontro de outras pesquisas (POLIDORI; FONSECA; LARROSA, 2007; ANDRIOLA; SOUZA, 2010; FERREIRA, 2014; PALITOT; SANTOS; BRITO, 2015; PINTO, 2015; FÉLIX; FURTADO, 2016; LINS et al., 2017).

Pesquisas futuras podem traçar diversos caminhos, entre eles: (1) realizar *surveys* buscando entender as razões que levam ao baixo interesse dos discentes em participar das pesquisas de avaliação institucional; (2) construir análises comparativas das participações em diferentes instituições; e (3) promover estudos longitudinais, para avaliar possíveis mudanças de percepção ao longo do curso.

Referências

- ANDRIOLA, W. B.; SOUZA, L. A. Representações sociais dos gestores e dos técnicos das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Ceará (UFC) acerca da autoavaliação institucional. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, SP, v. 15, n. 2, p. 45-72, 2010.
- BASTOS, I. D.; SILVA, R. Autoavaliação institucional como ferramenta de gestão estratégica universitária: estudo de uma instituição de ensino superior pública municipal do sul do Brasil. In: SIMPÓSIO AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 3., 2017, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
- SILVA, C. M. da. Avaliação do ensino superior: entre a teoria e a prática. *FaSci-Tech*, São Caetano do Sul, SP, v. 1, n. 4, 2011.
- DEMO, P. *Avaliação qualitativa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- FABRIZIO, S. B. et al. Avaliação da educação superior: uma análise do processo de avaliação de uma unidade descentralizada da UFSM. SIMPÓSIO DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2015, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.
- FÉLIX, G. T.; FURTADO, D. B. V. Autoavaliação institucional e (in) cultura de participação na universidade. *Holos*, Rio Claro, SP, v. 1, p. 69-80, 2016.
- FERREIRA, P. V. Avaliação institucional como instrumento de gestão e planejamento estratégico. *Revista Formadores: Vivências e Estudos*, Cachoeira, BA, v. 7 n. 3, p. 45-62, nov. 2014.
- FIELD, A. *Discovering statistics using SPSS*. 3. ed. London: Sage Publications, 2009.
- FREUND, J. E. *Estatística aplicada: economia, administração e contabilidade*. 11. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- GALDINO, M. N. D. A autoavaliação institucional no ensino superior como instrumento de gestão. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO, 25., 2011, São Paulo; CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE POLÍTICAS E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 2., 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPAE, 2011.
- HAIR, J. F. et al. *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- JACOB, R. C. G. *Avaliação institucional e indicadores de qualidade nos cursos superiores*. 2003. 229 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- LEITE, D. et al. Estudantes e avaliação da universidade: um estudo conjunto Brasil – Portugal. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 661-686, set./dez. 2007.

LEITE, D. et al. *Reformas universitárias: avaliação institucional participativa*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2005.

LINS, J. M. O et al. Avaliação institucional: estudo de caso em uma IES particular no Brasil. *Revista Espacios*, Caracas, VE, v. 38, n. 30, p. 20, 2017.

MABA; E. G.; MARINHO, S. V. A autoavaliação institucional no processo de tomada de decisão em IES: estudo de caso das Faculdades SENAC/SC. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 455-480, jul. 2012.

MARBACK NETO, G. *Avaliação: instrumento de gestão universitária*. Vila Velha, ES: Hoper, 2007.

MARINS, C. M. O.; FERREIRA, M.; ORLANDO FILHO, O. Meta-avaliação do relatório de autoavaliação institucional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Revista Meta: Avaliação*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 37-56, 2016.

MAZZURANA, J. E. J.; JUNG, C. F. Um modelo aplicado à melhoria dos processos de planejamento estratégico e autoavaliação em Instituições de Ensino Superior Privadas. *Colóquio: Revista do Desenvolvimento Regional*, Taquara, RS, v. 11, n. 1, jan./jun. 2014.

NUNES, E. B. L. L. P.; DUARTE, M. M. S. L. T.; PEREIRA, I. C. A. Planejamento e avaliação institucional: um indicador do instrumento de avaliação do SINAES. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, SP, v. 22, n. 2, 2017.

OLIVEIRA, S. B.; CASTRO, B. S.; SENA, F. C. Autoavaliação: a percepção dos discentes sobre o curso de bacharelado em administração pública da UFRRJ. *Revista Meta: Avaliação*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 21, p. 332-363, 2016.

PAIVA, L. D. C.; SOUZA, N. M. P. Perspectivas da autoavaliação institucional na universidade. *Revista Eletrônica Novo Enfoque*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 13, p. 132-141, 2011.

PALITOT, M. D.; SANTOS, C. P.; BRITO, L. V. Avaliação do ensino superior: a construção da cultura avaliativa na Universidade Federal da Paraíba. *Mpgoa*, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 2-10, 2015.

PINTO, R. S. *Meta-avaliação: uma década do processo de avaliação institucional do SINAES*. 269 f. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

POLIDORI, M. M.; FONSECA, D. G.; LARROSA, S. F. T. Avaliação institucional participativa. *Avaliação: Revista de Avaliação da Educação Superior*, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 333-348, 2007.

ROSSÉS, G. F. et al. O processo de autoavaliação institucional: o caso do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria. In: SIMPOSIO AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, 3., 2017, Florianópolis. *Trabalhos apresentados...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. *Relatório de avaliação interna: auto-avaliação da UFSM*. Santa Maria, RS, 2016. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/avaliacaoufsm/images/documentos/relatorios/2016-2017.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. *Centro de processamento de dados (CPD): relatório de dados do SIE*. Santa Maria, RS, 2017.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Recebido em: 08/08/2019

Aceito para publicação em: 19/06/2019

Institutional Evaluation: analysis of the participation and perception of the students of a Higher Education Institution

Abstract

The article sought to identify the overview of the Production Engineering Course students' participation in the institutional evaluation. This study can be classified as a descriptive, quantitative and qualitative research. Data collection was performed in three stages. The first was done through a bibliographical research. The second consisted of the collection of secondary data through the information bank provided by the University's data processing center. Then, graphs were constructed comparing the students' participation. Data were analyzed using descriptive statistics and multivariate analysis. The results show that, in general, there was a low student participation in the evaluation. The Production Engineering Course obtained the lowest participation rates in relation to the other engineering courses, besides having only a 12.5% average participation rate. The students of the Production Engineering Course know the pedagogical project, but classify several evaluation questions as bad or regular.

Keywords: Production Engineering. Institutional Evaluation. Students. Participation.

Evaluación Institucional: análisis de la participación y percepción de los estudiantes de una Institución de Educación Superior

Resumen

El artículo buscó identificar el panorama de la participación de los alumnos del curso de Ingeniería de producción (E.P.) en la evaluación institucional. Como estrategia de investigación se eligió un método de investigación descriptivo, cualitativo y cuantitativo. La recolección de datos se realizó en tres etapas. La primera fue hecha a través de una investigación bibliográfica. En la segunda, se realizó la recolección de los datos secundarios a través del banco de informaciones ofrecidas por el Centro de Procesamiento de Datos (CPD) de la Universidad. A continuación, se construyeron los gráficos comparando las participaciones de los discentes. Para el análisis de los datos se

utilizó la estadística descriptiva y el análisis multivariado. Los resultados constatan que, en general, hubo una baja participación de los alumnos en la evaluación. La E.P. obtuvo los menores índices de participación con respecto a las demás ingenierías, además de tener sólo el 12,5% de participación media. Los estudiantes de E.P. conocen el Proyecto Pedagógico del curso, pero clasifican diversos aspectos de la evaluación como malos o regulares.

Palabras clave: Ingeniería de Producción. Evaluación Institucional. Discentes. Participación.